



## AFROEMPREENDEDORISMO E AS DESIGUALDADES RACIAIS NA CIDADE DE ALMENARA/MG

ROCHA, B.A.<sup>1.</sup>; SOUSA, J.R.<sup>2.</sup>; PEREIRA, S.B.<sup>3.</sup>; SANTOS, C.A.S..<sup>4.</sup>; TEIXEIRA, S. S. A.<sup>5.</sup>; SILVA. M.E.O.<sup>6.</sup>

<sup>1</sup>Discente do curso superior em Engenharia de Produção UFOP; <sup>2</sup>Discente do curso superior em Ciências Contábeis UFV; <sup>3</sup>Docente do IFNMG – *Campus Arinos*; <sup>4</sup>Docente do IFNMG – *Campus Almenara*; <sup>5</sup>Discente do curso técnico em Zootecnia do IFNMG – *Campus Almenara*; <sup>6</sup> Discente do curso superior em Agronomia UFV.

### Introdução

A ação de empreender existe desde tempos muito remotos. Nesse escopo, para garantir a própria sobrevivência, o homem cria, com base no que se apresenta à sua disposição, inovações que possam satisfazer suas necessidades. Na vida em sociedade, ele identifica problemas e oportunidades e investe em recursos e competências na criação de um negócio, projeto ou movimento que seja capaz de alavancar mudanças e gerar um impacto positivo. Assim sendo, os empreendimentos estão estreitamente relacionados ao trabalho. Todavia, observa-se, em nosso país, uma acentuada desigualdade de oportunidades. Tal desigualdade se torna ainda mais presente, quando essas oportunidades são analisadas no grupo de negros. Com essas condições, a persistente desigualdade racial no país manteve esse grupo, segundo Osório (2009), na estratificação social, numa posição relativamente semelhante à ocupada por seus antepassados. Ao longo do tempo, essa desigualdade serviu de objeto de estudo, o que resultou, nos últimos vinte anos, em algumas conquistas na direção de diminuí-la no país. Essas transformações têm possibilitado à população negra a empreender, seja por necessidade, por oportunidade ou outras razões. O que se percebe, no entanto, é que o afroempreendedorismo ainda não deu conta de extinguir a histórica desigualdade racial de renda cristalizada no país. Nesse sentido, este estudo se justifica, pois, no Brasil, 56,1% da população se autodeclara negra. Os negros — que o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) conceitua como a soma de pretos e pardos — são, portanto, a maioria da população (AFONSO, 2019). Além de os negros constituírem maioria entre a população, eles também são maioria entre os empreendedores brasileiros. Durante os anos de 2002 e 2012, o número de pessoas negras à frente de empresas, no Brasil, cresceu 27%. Nesse mesmo período, o número de pessoas brancas que possuem uma empresa apresentou uma redução de 2% (PIRES, 2015). Também, nos estudos de empreendedorismo, evidencia-se que, mesmo em um país altamente miscigenado como no Brasil, com a maior população afrodescendente fora da África, os efeitos da etnia continuam a influenciar negativamente os resultados de quem empreende (ROSA; VASCONCELLOS; FALASTER, 2021). Dessa forma, com base nessas observações, o presente estudo teve como objetivo identificar os afroempreendedores do município de Almenara/MG, as motivações para empreender e a manifestação negativa do racismo na vivência deles

### Material e Métodos

A pesquisa se classifica como aplicada, exploratória, descritiva e qualitativa. A coleta de dados se deu através de entrevistas semiestruturadas com a utilização do método de amostragem “bola de neve” do tipo não-probabilística. Em relação aos critérios de escolha dos participantes, dois foram adotados: ser negro e empreendedor. A aplicação do questionário na cidade de Almenara/MG foi realizada nos



meses de janeiro, junho e julho de 2023 e contou com a participação de 26 empreendedores. Ademais, procuramos no decorrer da entrevista, torná-la mais interativa, de forma que permitisse ao empreendedor opinar, discutir, contar sua vivência em relação aos tópicos do questionário.

## Resultados e Discussão

A respeito da cor/raça declarada pelos empreendedores, 14 se autodeclararam pardos e 12 pretos. Sobre a idade, observa-se que a maioria (34,62%) tem entre 31-40 anos e os demais (7,69%) entre 61-70 ano. Outro fator importante de se saber desses sujeitos é o nível de escolaridade. Assim sendo, 61,54% dos empreendedores não saíram da educação básica, ou seja, não chegaram nem a ingressar no ensino superior. Sobre a renda dos entrevistados, a maioria (26,92%) não soube ou não quis informá-la e 23,08% afirmaram ganhar menos de 1 salário-mínimo. Isso pode estar estritamente relacionado ao nível de escolaridade dos sujeitos, pois, segundo Singh e Gibbs (2013), o fator educação está intrinsecamente atrelado às maiores chances de o empreendedor ter sucesso na gestão da sua empresa e conseqüentemente no aumento da renda. Ademais, para compreender melhor a situação desses empresários no mercado de trabalho, faz-se importante saber com que idade eles começaram a trabalhar. Dos 26 sujeitos entrevistados, 3 responderam a idade referente ao início da atividade atual e 78,26% dos empreendedores informaram ter começado a trabalhar antes dos 18. Sobre essa assertiva, Barros e Mendonça (2010) afirmam que, principalmente nos grupos socioeconômicos mais vulneráveis, como pessoas das áreas rurais, oriundas de famílias pobres e a população negra, a ocorrência do trabalho infantil é quatro vezes maior que a média do país. Questionamos aos empreendedores se eles tiveram alguma motivação para iniciar seu negócio. 17 pessoas disseram sim, 9, não. Fica evidente que, quando se agrupa os fatores relacionados à renda, como falta de dinheiro, desemprego, pandemia covid-19 e falta de oportunidade, o primeiro é um dos motivos mais citados entre os empreendedores para abrir seu negócio. Assim sendo, o fator necessidade, infelizmente, no Brasil, ainda é um dos maiores motivos que impulsionam o empreendedorismo, o que corrobora com os estudos do GEM (2021) e Alves e Fonseca (2021). Perguntados se foram inspirados por alguma figura empreendedora para começar o seu negócio, 46,15% disseram que sim e 53,85% não. Dos que disseram sim e especificaram, 6 se inspiraram em algum familiar. Quando perguntados se obtiveram algum incentivo do Estado para empreenderem, 61,54% responderam que não, 26,92% sim, 7,69% muito pouco e 3,85% não entenderam a pergunta. A respeito da área de atuação dos empreendedores foram identificadas 14 atividades diferentes. Vale ressaltar que não foi encontrado, em nosso campo amostral, empreendimentos que buscassem valorizar a cultura africana e/ou afrodescendente. Ao serem perguntados sobre o tempo de atuação como empreendedores na atividade atual, 50% deles afirmam estar há mais de 5 anos na atividade. Isso significa que não são empreendimentos novos, mas considerados “consolidados”. A respeito da regulamentação da empresa, mais da metade (58%) revelam estar na informalidade, o que é preocupante, já que essa condição impede o acesso a benefícios básicos como crédito e previdência social. Em seguida, perguntados se possuem outro emprego além do empreendimento, 19,23% disseram sim e 80,77% não. Quando questionados sobre o racismo estar ou não presente no cotidiano, em Almenara, 50% responderam sim, 50% não. Aprofundando mais a discussão, perguntamos a eles se já sofreram racismo no ambiente de trabalho, 81% disseram não, 19% sim. Fazendo um paralelo sobre racismo em Almenara *versus* experiências pessoais no ambiente de trabalho, é possível chegar a duas conclusões: a primeira é que metade dos empreendedores concordam que há racismo em Almenara; a segunda é que, parte dessas pessoas veem o racismo acontecer ao redor, mas não com elas. Por fim, buscamos saber dos entrevistados se



eles acham que a população almenarense valoriza os empreendedores afrodescendentes. 23,07% disseram que sim, 57,70% não, 3,85% que mais ou menos e outros 15,38% não souberam responder.

### Considerações finais

Concluiu-se que a maioria dos sujeitos entrevistados são empreendedores adultos, que se autodeclararam pardos e apresentam baixo nível de escolaridade. Por esse motivo, talvez, ganham menos de 1 salário-mínimo. Além disso, começaram a trabalhar ainda na infância. Grande parte deles afirma ter empreendido por uma questão de necessidade, de possibilidade de aumento de renda. Entretanto, os resultados apontam para a observação de que o esforço empenhado no mundo do trabalho não foi capaz de garantir uma situação financeira satisfatória para esse grupo, o que contribui para a perpetuação da desigualdade racial histórica no país. Ainda assim, observou-se considerável variedade de empreendimentos que vão da prestação de serviços, passam pela área da beleza e saúde e de bens como produtos da agricultura e do artesanato. Outra informação importante é o dado de que 50% dos empreendimentos estão abertos há mais de 5 anos, ou seja, são consolidados. Entretanto muitos ainda estão na informalidade, o que impossibilita o acesso do empreendedor a direitos legais. Sobre as desigualdades raciais e o racismo, um dado se destaca, visto que 50% afirmam ter vivenciado racismo no município, mas 81% nunca sofreu racismo no trabalho. O que pode indicar que o fato de ser um empreendedor, o proprietário do negócio, pode ser fator de diminuição de um tratamento racista, mas os efeitos da etnia ainda influenciam negativamente os resultados de quem empreende. Finalmente, ao observar relatos pessoais ou vivências dos entrevistados, nota-se que o racismo pode ser considerado um crime “quase que perfeito”, já que passa, na maior parte das vezes, despercebido por grande parte das pessoas, inclusive pelas vítimas.

### Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) pelo apoio financeiro para a realização da pesquisa.

### Referências

- AFONSO, N. Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil. 20 nov. 2019. **Lupa Oul**. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- ALVES, E. T.; FONSECA, P. R. C. F. e. Motivação do afroempreendedorismo feminino e a economia étnica: um levantamento da percepção em São Luís (MA). **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, v. 9, n. 1, p. 16–29, 3 jun. 2021. <https://doi.org/10.32888/cge.v9i1.49496>.
- BARROS, R. P. de; MENDONÇA, R. Trabalho infantil no Brasil: rumo à erradicação. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea**, p. 28, 2010. .
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR - GEM. **Empreendedorismo no Brasil: Recorte temático: Cor/raça**. Curitiba: IBQP, 2021.
- OSÓRIO, R. G. **A desigualdade racial de renda no Brasil: 1976-2006**. 2009. 377 f. Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Sociologia – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- PIRES, A. Negros já são maioria entre empreendedores. 2015. **Agência Sebrae**. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/>. Acesso em: 8 abr. 2022.
- ROSA, C.; VASCONCELLOS, S.; FALASTER, C. The colors of entrepreneurship in Brazil: Effects of ethnicity on income, from a behavioral perspective. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, p. e1933, 1 maio 2021. <https://doi.org/10.14211/regepe.e1933>.
- SINGH, R. P.; GIBBS, S. R. Opportunity recognition processes of black entrepreneurs. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**, v. 26, n. 6, p. 643–659, nov. 2013. <https://doi.org/10.1080/08276331.2014.892312>.